

USO DE ANTIDEPRESSIVOS E DE ANSIOLÍTICOS ENTRE GRADUANDOS DOS CURSOS DA ÁREA DE SAÚDE: REVISÃO INTEGRATIVA

Cristiane Ferreira dos Santos, Pollyanna Álvaro Ferreira Spósito. Uso de antidepressivos e de ansiolíticos entre graduandos dos cursos da área de saúde: revisão integrativa. Revista Saúde Dinâmica, vol. 4, núm.1, 2022. Faculdade Dinâmica do Vale do Piranga.

SAÚDE DINÂMICA – Revista Científica Eletrônica
FACULDADE DINÂMICA DO VALE DO PIRANGA

10ª Edição 2022 | Ano IV – nº 1 | ISSN – 2675-133X

1º semestre de 2022

Uso de antidepressivos e de ansiolíticos entre graduandos dos cursos da área de saúde: revisão integrativa

Use of antidepressants and anxiolytics among undergraduates in healthcare courses: an integrative review.

Cristiane Ferreira dos Santos¹, Pollyanna Álvaro Ferreira Spósito^{2,3}

¹*Discente do Curso de Farmácia, Faculdade Dinâmica do Vale do Piranga*

²*Docente do Curso de Farmácia e Medicina, Faculdade Dinâmica do Vale do Piranga*

³*Docente do Mestrado em Ensino de Ciências da Saúde e do Ambiente, Faculdade Dinâmica do Vale do Piranga*
Autor correspondente: *crisferreiradosantos1@hotmail.com*

Resumo

Introdução: O ingresso na vida acadêmica representa um momento de ampliação de conhecimentos, mas também pode desencadear distúrbios depressivos e de ansiedade. **Objetivo:** Este estudo objetiva reunir dados sobre o uso de antidepressivos e ansiolíticos entre estudantes de graduação dos cursos da área de saúde. **Materiais e métodos:** Trata-se de uma revisão integrativa realizada no PubMed, Scielo, LILACS utilizando os descritores “ansiolíticos”, “antidepressivos”, “estudantes”, “cursos”, “saúde” para seleção dos artigos, publicados entre 2006-2021. **Resultados:** Os dados apontam que o consumo de antidepressivos e ansiolíticos é prevalente entre os estudantes de medicina e enfermagem, sendo a fluoxetina e o diazepam os mais consumidos. Os principais fatores para uso foram a rotina estressante, o convívio com o sofrimento humano, tristeza e facilidade de aquisição do medicamento. Houve maior consumo entre o gênero feminino e o médico foi o principal responsável pelas orientações quanto ao uso desses fármacos. **Conclusão:** Conclui-se que é necessário a conscientização dos acadêmicos quanto ao uso racional desses fármacos, apoio das instituições de ensino superior para melhorar a qualidade de vida destes estudantes, bem como uma maior participação do farmacêutico no processo de orientação.

Palavras-chave: *Ansiolíticos, antidepressivos, estudantes de graduação*

Abstract

Introduction: Entering academic life represents a moment of knowledge expansion, but it can also trigger depressive and anxiety disorders. **Objective:** This study aims to gather data on the use of antidepressants and anxiolytics among undergraduate students in healthcare courses. **Materials and methods:** This is an integrative review carried out at PubMed, Scielo and LILACS using the descriptors “anxiolytics”, “antidepressants”, “students”, “courses” and “health” for article selection, published between 2006-2021. **Results:** The data showed that the consumption of antidepressants and anxiolytics is prevalent among medical and nursing students, being that fluoxetine and diazepam are the most consumed. The main factors are related to the stressful routine, like living with human suffering, sadness and ease of purchasing the medication. The most of consumption is among women and the physicians were the main responsible for the guidelines on the use of drugs. **Conclusion:** It is concluded that it is necessary to raise awareness among students about the rational use of these drugs, support from higher education institutions to improve the student’s quality of life, as well as greater participation of the pharmacist in the guidance process.

Key words: *anxiolytics, antidepressants, graduate students.*

INTRODUÇÃO

Os transtornos de ansiedade e de depressão são considerados como problemas de saúde pública. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) a depressão é definida como um transtorno mental comum, caracterizado não apenas na forma de tristeza como também através de irritabilidade, perda de interesse ou prazer em atividades cotidianas, bem como de concentração ou memória, além da diminuição da autoestima, alteração do sono ou apetite, entre outros sintomas. Já a ansiedade é definida como um estado de humor desconfortável, apreensão negativa em relação ao futuro e inquietação interna desagradável, além de manifestações somáticas e fisiológicas, tais como a sudorese, tremores, tontura e taquicardia (BARBOSA; ASFORA; MOURA, 2020).

Os estudantes universitários são considerados como um grupo de risco no que diz respeito ao desenvolvimento de perturbações mentais, pois esses passam por transformações neurológicas, psicológicas e fisiológicas, devido à passagem da adolescência para fase adulta, tendo que se adaptar ao novo papel social que passam a vivenciar. Uma multiplicidade de fatores expõe os graduandos ao desenvolvimento destes transtornos, que vão desde fatores genéticos a alterações no ambiente, tal como rotina, fatores estressantes, administração de novas responsabilidades, afastamento do núcleo familiar, mercado de trabalho, dentre outros que, em conjunto, aumentam o número de estudantes doentes, impactando a vida acadêmica. Estima-se que de 8 a 15% dos graduandos apresentam algum tipo de transtorno psiquiátrico durante sua formação acadêmica, notadamente transtornos depressivos e de ansiedade (CAVESTRO; ROCHA, 2006; OSSE, 2011).

O tratamento desses transtornos pode ser realizado através de psicoterapias e do uso de substâncias psicoativas, tais como os ansiolíticos e os antidepressivos, os quais apresentam alto índice de adesão entre os universitários nos últimos anos. Dentre os medicamentos comumente utilizados tem-se os antidepressivos tricíclicos (ADTs), inibidores seletivos da recaptação da serotonina (ISRSs), inibidores seletivos da recaptação da serotonina e noradrenalina (ISRSNs), inibidores da monoaminoxidase (IMAOs), benzodiazepínicos, dentre outros (ISTILLI et al., 2010).

O consumo de forma abusiva desses fármacos pode ocorrer devido a erros de prescrições médicas, automedicação, dependência química e aumento de doenças psiquiátricas (GRASSI e

CASTRO 2014). Os pacientes em uso de tais medicamentos devem ser informados quanto aos efeitos destes, especialmente os indesejáveis. Os efeitos decorrentes do consumo a longo prazo, por meses ou anos, pode tornar o usuário dependente (GRUBER e MAZON, 2014), uma vez que a abstinência pode acarretar transtornos como irritabilidade, insônia excessiva, transpiração, dores no corpo e, inclusive convulsões (CARLINI et al., 2001), prejudicando a qualidade de vida do indivíduo.

A utilização de maneira irracional de antidepressivos e de ansiolíticos pode ocasionar problemas relacionados à intoxicações, além de outros impactos sociais e econômicos, como dificuldades de aprendizagem e desenvolvimento dos pacientes, aumento dos gastos em saúde pública, rompimento das relações familiares e incentivo ao consumo ilegal desses medicamentos (LOPES & GRIGOLETO, 2011).

Nesse contexto, faz-se necessário uma atenção maior no acompanhamento desse usuário. O farmacêutico é de grande importância para a estimular e promover o uso racional desses medicamentos, pois pode auxiliar na escolha da terapia mais adequada, bem como orientar quanto a posologia correta, os efeitos adversos, interações medicamentosas, dentre outros, proporcionando ao usuário uma terapia mais segura e eficaz (BIZZO et al., 2018). Além disso, o farmacêutico também pode atuar nas práticas integrativas e complementares de saúde, outra vertente para auxiliar no tratamento dos transtornos mentais (MINISTÉRIO DA SAÚDE, BRASIL, 2018; PIGNONE & MARTINI, 2012).

Sendo assim, o presente artigo tem por objetivo reunir dados sobre o uso de antidepressivos e de ansiolíticos entre estudantes de graduação dos cursos da área de saúde, bem como identificar os motivos para utilização e verificar se o uso ocorre de forma segura, além de discutir a importância do farmacêutico na orientação do uso racional desses fármacos. A pergunta norteadora do estudo foi: “Os estudantes dos cursos de graduação da área de saúde fazem uso de antidepressivos e de ansiolíticos?”

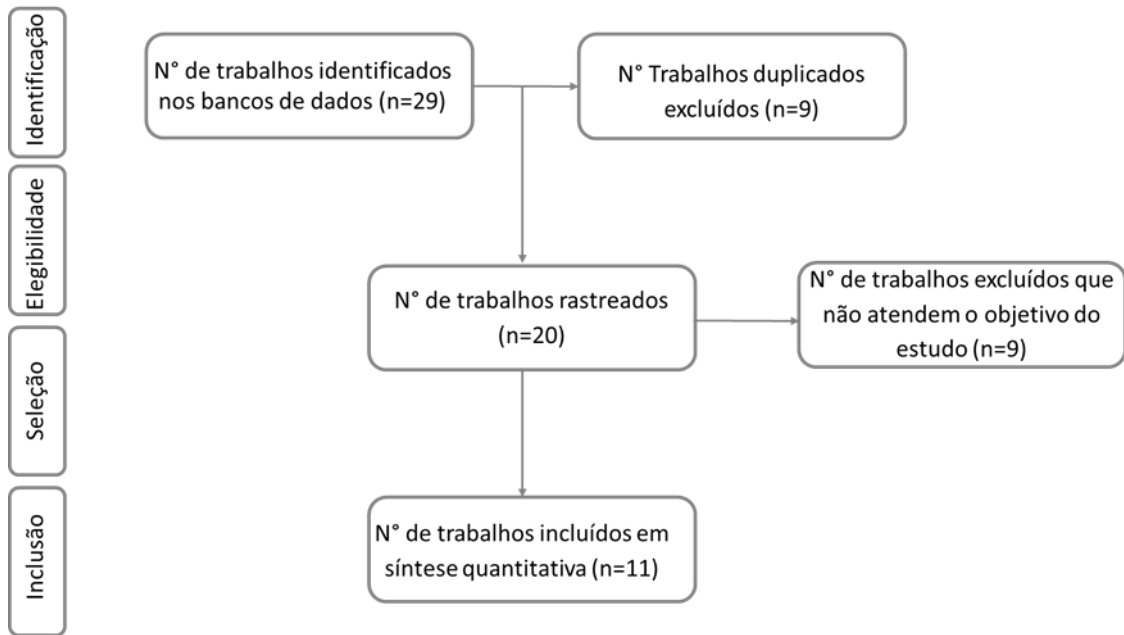
MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de uma revisão integrativa de literatura, no qual, procedeu-se revisão bibliográfica nas bases de dados: National Library of Medicine (PubMed), Scientific

Electronic Library Online (SciELO), Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências Sociais e da Saúde (LILACS), utilizando-se para isso os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): “ansiolíticos”, “antidepressivos”, “estudantes”, “cursos”, “saúde”. Fez-se as seguintes associações: ansiolíticos e estudantes; antidepressivos e estudantes; ansiolíticos e estudantes curso de saúde; antidepressivos e estudantes curso de saúde. Os critérios de inclusão utilizados foram: artigos originais e revisões de literatura, indexados no idioma português, relacionados aos cursos de graduação da área de saúde; de acesso gratuito; e textos disponíveis em forma completa. No intuito de coletar um maior número de artigos optou-se por buscar estudos publicados nos últimos 15 anos (2006-2021); Diante dos artigos encontrados foram adotados como critério de exclusão: publicações que não se enquadravam nos critérios de inclusão; estudos duplicados comparando-se os autores, o título, o ano e o jornal de publicação; artigos que divergiam da temática proposta após leitura dos títulos e resumos. A busca foi realizada no mês de março de 2021. Após a triagem inicial, os estudos potencialmente relevantes foram arquivados em texto completo, para subsequente extração dos dados e elaboração da discussão.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram encontrados 29 artigos nos bancos de dados utilizados, sendo que destes, 9 foram excluídos, por estarem duplicados e outros 9 por divergirem do objetivo proposto, restando 11 publicações que atendiam aos critérios de inclusão citados anteriormente. Estes artigos foram avaliados na íntegra. A Figura 1 ilustra os processos de busca e critérios de elegibilidade dos estudos avaliados.



Fonte: Elaborado pelas autoras, 2021.

Figura 1: Fluxograma com o processo de triagem e de seleção de artigos para a revisão integrativa

O quadro 1 apresenta os 11 artigos selecionados para a construção da revisão, com o respectivo título, autores, ano de publicação e objetivo do estudo. Todos os artigos incluídos na revisão são originais, cujo tipo de estudo caracterizou-se como descritivo e transversal, no qual a coleta dos dados se deu através de questionários. Os artigos foram organizados no quadro em ordem crescente do ano de publicação, bem como de acordo com os cursos avaliados, sendo que os 3 primeiros apresentaram dados sobre o uso de antidepressivos e de ansiolíticos entre estudantes dos cursos da área de saúde, os 4 artigos seguintes apresentaram estudos relacionados especificamente ao curso de enfermagem e os 4 últimos artigos trouxeram dados referentes ao curso de medicina.

Quadro 1: Artigos selecionados para reunir dados sobre uso de antidepressivos e de ansiolíticos entre estudantes dos cursos da área de saúde

Título	Autores	Ano	Objetivo
Uso de psicotrópicos entre universitários da área da saúde da Universidade Federal do Amazonas, Brasil	Lucas et al.,	2006	Descrever os universitários da área da saúde quanto às características sócio demográficas: sexo, idade e faixa etária; nível sócio econômico; uso das drogas psicotrópicas lícitas e ilícitas; características do consumo e principais causas relacionadas a ele
Avaliação do uso de antidepressivos por estudantes de uma instituição de ensino superior	Scolaro et al.,	2010	Avaliar o uso de antidepressivos por estudantes de uma Instituição Superior
Grau de conhecimento e consumo de psicofármacos dos alunos da Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Coimbra	Câmara et al.,	2011	Analisar o grau de conhecimento e o consumo de psicofármacos dos alunos da Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Coimbra (ESTESC)
O trabalho do acadêmico de enfermagem como fator de risco para o consumo de álcool e outras drogas	Oliveira & Furegato	2008	Descrever os fatores de risco no ambiente de trabalho em saúde para o consumo de álcool e outras drogas aos quais os acadêmicos encontram-se expostos e ratificar a importância dos fatores protetores como estratégia de prevenção ao uso e abuso de drogas

Antidepressivos: uso e conhecimento entre estudantes de enfermagem	Istilli et al.,	2010	Avaliar a opinião do usuário de antidepressivo em relação à orientação sobre o uso do medicamento, verificar o conhecimento do usuário sobre o medicamento antidepressivo e caracterizar o padrão de consumo dos antidepressivos
Antidepressivos: consumo, orientação e conhecimento entre acadêmicos de enfermagem	Telles-Filho & Pereira-Júnior	2013	Caracterizar e analisar o consumo, a orientação e o conhecimento acerca dos antidepressivos utilizados por acadêmicos de um curso de graduação em Enfermagem
Ansiedade e consumo de ansiolíticos entre estudantes de enfermagem de uma universidade pública	Marchi et al.,	2013	Analisar a presença da ansiedade em estudantes de enfermagem de uma universidade pública do estado de São Paulo, avaliar o conhecimento dos estudantes que utilizam fármacos com ação ansiolítica e caracterizar o padrão de consumo desses medicamentos
Transtornos psiquiátricos menores e procura por cuidados em estudantes de medicina	Cunha et al.,	2009	Identificar a prevalência de sintomas de transtornos psiquiátricos menores em estudantes de medicina de uma universidade do Vale do Paraíba e a procura por cuidados durante a graduação

Prevalência do consumo de álcool, tabaco e entorpecentes por estudantes de medicina da Universidade Federal de Minas Gerais	Petroianu et al.,	2010	Estimar a prevalência do consumo de álcool, tabaco e entorpecentes entre estudantes de Medicina e determinar fatores relacionados a esses vícios
Antidepressivos: uso, adesão e conhecimento entre estudantes de medicina	Ribeiro et al.,	2014	Identificar o uso de medicamentos antidepressivos em alunos do curso de medicina de uma universidade estadual paulista
Análise da depressão, dos fatores de risco para sintomas depressivos e do uso de antidepressivos entre acadêmicos do curso de medicina da Universidade Estadual de Ponta Grossa	Cybulski et al.,	2017	Detectar, entre estudantes de Medicina, a prevalência de sintomas depressivos e os fatores correlacionados, assim como a prevalência e adesão ao uso de medicamentos antidepressivos

Fonte: Elaborado pelas autoras, 2021.

Para superar os transtornos de ansiedade e depressão muitos estudantes recorrem ao uso de ansiolíticos e antidepressivos, fato esse comprovado a partir dos dados coletados neste estudo, que identifica o consumo desses medicamentos por estudantes dos cursos de graduação da área de saúde. De acordo com pesquisa realizada por Scolaro et al. (2010), no qual avaliou-se o uso de antidepressivos entre 368 estudantes de diferentes cursos de graduação de uma Instituição de Ensino Superior do município de Maringá, foi verificado que 9,51% dos acadêmicos entrevistados consumiam esse tipo medicamento, sendo que 3,09% deles estavam matriculados em cursos da área de saúde. Desses, 43,59% utilizavam o medicamento para a depressão e 25,64% para a ansiedade, havendo prevalência de consumo entre as mulheres.

Outro autor, em estudo realizado na Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Coimbra (ESTESC), também identificou o consumo de psicofármacos entre estudantes de diferentes cursos da área de saúde. Neste estudo, 12,7% dos acadêmicos relataram ter recorrido ao consumo de psicofármacos nos últimos 6 meses. Desses, 47,9% utilizaram ou utilizam ansiolíticos e 12,6% antidepressivos, ocorrendo prevalência de consumo no gênero feminino (14,2%), no curso de Farmácia (25,0%) e nos indivíduos que apresentaram um nível de conhecimento bom em relação a esses medicamentos (22,5%) (CÂMARA et al., 2011).

Corroborando com os estudos anteriores, Lucas et al (2006), verificou que dos 521 estudantes da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Amazonas, 9,2% deles faziam uso de fármacos para ansiedade, sendo que a faixa etária de maior consumo foi acima de 22 anos, com maior prevalência entre as mulheres.

Sabe-se que o ingresso na vida acadêmica, além de representar um momento de ampliação de conhecimentos, expectativas e experiências, caracterizando-se, principalmente, pela formação técnica e profissional dos estudantes, também está associada a fatores estressores, tais como medo do fracasso, imposição do mercado de trabalho, cobranças familiares, dentre outros, os quais acabam propiciando desgastes de ordem biopsicossocial, o que prejudica a saúde e o seu desempenho acadêmico (ALVES, 2010; ZONTA; ROBLES; GROSSEMAN, 2006). Segundo Fernandes et al, (2018), tais situações são, em muitos casos, fatores ansiogênicos e possíveis gatilhos para a depressão. O desenvolvimento destes transtornos pode ser constatado logo que o aluno ingressa na universidade, sendo muito frequente nos estudantes da área de saúde. De acordo com uma revisão realizada por Fiorotti et al., (2010) cerca de 12 a 18% dos universitários apresentam algum tipo de doença mental diagnosticável, sendo que os primeiros episódios acontecem ao longo da graduação.

Cunha et al. (2009) verificou a prevalência de Transtornos Psiquiátricos Menores (TPMe) em 343 estudantes da primeira à quarta série de um curso de medicina de uma universidade do Vale do Paraíba. De acordo com o autor, a prevalência de TPM e entre os estudantes foi de 26,1%, sendo que a maioria deles moravam sozinhos e 75% eram mulheres. Cybulski et al., (2017) a partir de questionários aplicados a 199 estudantes do curso de medicina da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) da primeira à sexta série, também verificou a existência de transtornos mentais entre os estudantes e o consumo de medicamentos para depressão. A maioria dos acadêmicos apresentava idades entre 18 e 25 anos e, entre os

portadores de sintomas depressivos, o tipo de transtorno mais frequente foi o distúrbio moderado do humor, seguido em ordem decrescente por depressão clínica *borderline* e depressão moderada. Depressão severa e extrema apresentaram baixa prevalência.

A partir dos dados coletados nesta revisão observou-se que a maioria dos estudos encontrados apresentam informações sobre o consumo de antidepressivos e de ansiolíticos entre estudantes dos cursos de medicina e enfermagem. Cunha et al. (2009) em pesquisa com graduandos de medicina mostrou que as classes de fármacos mais utilizados entre os alunos foram os antidepressivos (35,4%) e os ansiolíticos (29,0%). Entre os usuários apenas 40,3% procuraram algum tipo de cuidado, sendo que dos que não procuraram ajuda, 24,3% faziam uso de medicamentos para depressão, 8,1% para indução do sono e 13,5% para ansiedade. O uso desses medicamentos foi duas vezes mais recorrente em mulheres com TPMe. Foi constatado ainda um elevado número de estudantes que consomem esses fármacos sem apresentar TPMe. Alguns universitários avaliados por Cybulski et al., (2017) admitiram consumir ou terem consumido anteriormente antidepressivos. Entre os usuários, a maioria apresentava algum tipo de transtorno depressivo mesmo com o tratamento. Também se observou que as variáveis referentes a estresse e frequência de atividades de lazer apresentaram-se estatisticamente significativas no que diz respeito a fatores de risco para depressão.

Envolvendo a mesma temática dos estudos apresentados acima, Ribeiro et al., (2014) em pesquisa com 289 alunos do curso de medicina de uma Faculdade de Medicina pública paulista, verificou que 11,4% dos estudantes entrevistados utilizam ou já utilizaram antidepressivos. A maior parte destes alunos estavam no segundo ano do curso e a idade em que a medicação foi consumida pela primeira vez variou entre 15 a 24 anos. A maior porcentagem de consumo ocorreu entre as mulheres. Nesse estudo ainda foi possível identificar que 24,2% dos participantes usam outros fármacos concomitantemente com as medicações para depressão e os principais foram propranolol, carbamazepina, lorazepam e alprazolam.

Petroianu et al., (2010), demonstrou o uso de ansiolíticos entre estudantes da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), onde tais medicamentos eram consumidos por 40 universitários (12%) participantes do estudo, com idades entre 18 a 41 anos, predominando entre 21 e 24 anos, sendo o uso mais comum entre as mulheres.

Os autores Istilli et al (2010), Telles-Filho & Pereira-Júnior (2013), Marchi et al., (2013) e Oliveira & Furegato (2008) também identificaram o consumo de fármacos para depressão e

ansiedade entre os acadêmicos de enfermagem. Segundo pesquisa realizada por Istilli et al (2010) com 273 estudantes de enfermagem de uma Escola de Enfermagem pública do Estado de São Paulo, foi possível verificar que 19% dos participantes utilizam ou já utilizaram antidepressivos, sendo que a idade de uso pela primeira vez variou de 14 a 35 anos. Metade dos alunos afirmaram que consumiam outros fármacos em conjunto com o antidepressivo, sendo o diazepam o mais utilizado, seguido da amitriptilina (5,8%), alprazolam (3,8%), propranolol (3,8%), lorazepam (1,9%) e carbamazepina (1,9%).

No estudo de Telles-Filho & Pereira-Júnior (2013), verificou-se que dos 72 acadêmicos de um curso de graduação em Enfermagem de uma universidade pública, localizada no interior do Estado de Minas Gerais, 19 deles consumiram medicamentos para depressão, sendo que a prevalência de uso foi maior entre as mulheres (79%). Quanto a idade, 42% tinha entre 18 e 22 anos, 37% entre 23 a 27 anos e 21% tinha 28 anos ou mais.

Seguindo o mesmo tipo de estudo Marchi et al., (2013) em pesquisa realizada em uma escola pública de enfermagem do estado de São Paulo, com 308 graduandos verificou que 16% deles estavam utilizando ansiolíticos ou já utilizaram em algum momento de suas vidas. 60% desses estudantes referiram consumir outras medicações além daquelas para ansiedade, sendo os antidepressivos os mais frequentes (19%). A idade com a qual o medicamento foi utilizado pela primeira vez variou de 9 a 37 anos.

A vida acadêmica dos universitários exige dedicação de muitas horas de estudos, especialmente no curso de medicina e, muitas vezes, esses momentos se tornam extenuantes. Os estudos encontrados na literatura descrevem que além da graduação, a rotina médica é considerada atividade de alta pressão e tensão psicológica, influenciando no desempenho do estudante. Muitos jovens, para suportar o estresse e cansaço utilizam medicamentos controlados para atenuar a ansiedade e a preocupação gerada. Dentre os universitários, os da área da saúde merecem especial atenção, com maior nível de ansiedade, em relação aos demais (DEHGHAN-NAYERI; ADIB-HAJBAGHERY, 2011). Estudantes dessa área, incluindo os de enfermagem, vivenciam durante a graduação situações que geram ansiedade (MARCHI *et al.*, 2013). Estas situações podem ser desencadeadas por diversos fatores como: a rotina na prática clínica, o convívio com o sofrimento humano, a presença dos tutores no cenário da prática, além da condição altamente estressante do processo de morte e morrer de um paciente (MELINCAVAGE, 2011; LIMA; NIETSCHKE; TEIXEIRA, 2012). Além disso, segundo Cunha

et al. (2009) alguns fatores de risco conhecidos entre estudantes de medicina para uso de substâncias psicoativas são: acesso fácil aos medicamentos; história familiar de dependência; problemas emocionais; estresse no trabalho e em casa; busca de emoções fortes; autoadministração no tratamento para dor e para o humor e fadiga crônica. Outro fato, seria que nos cursos de medicina e enfermagem, as aulas em período integral e o tempo ocupado pelas atividades acadêmicas diminui a possibilidade de o estudante trabalhar, podendo acarretar dificuldades financeiras que geram outros problemas como a redução da capacidade de raciocínio e redução do desempenho escolar com conseqüente sentimento depressivo expresso pela tristeza, culpa e impotência (AMADUCCI; MOTA; PIMENTA, 2010).

A justificativa para prevalência de uso desses fármacos entre as mulheres, em parte, pode estar relacionada ao fato de que em geral, elas procuram com mais frequência os serviços médicos. De acordo com Pegoraro e Caldana (2008), as mulheres tendem a ser mais medicalizadas logo aos primeiros sinais de desconforto psíquico, devido ao fato destas procurarem os serviços médicos mais frequentemente para expor o que lhes causa de forma emocional ou física sofrimento e ou dor. A maior presença feminina verificada na demanda aos serviços de saúde, muito provavelmente, está associada a fatores culturais ou sociais. Para Carvalho e Dimenstein (2005) deve-se considerar as concepções construídas social e culturalmente a respeito do que deve ser o comportamento do homem e da mulher, como determinantes para o consumo de ansiolíticos. Estudos constatam que a presença masculina nos serviços de saúde é menor do que a feminina devido a própria socialização dos homens, em que o cuidado não é visto como uma prática masculina (COURTENAY, 2005; GOMES et al., 2007; LYRA-DA-FONSECA et al., 2003). Outro fato é que existe uma maior prevalência de transtornos depressivos e de ansiedade entre as mulheres (URGELL et al., 2005; FIRMINO et al., 2011; ROCHA e WERLANG, 2013). Além das justificativas apresentadas acima, o maior percentual de mulheres observado em nosso estudo, pode também estar relacionado às características do curso de enfermagem, composto em sua maioria, por acadêmicos do sexo feminino conforme os dados encontrados.

Oliveira e Furegato (2008), no intuito de verificar os fatores de risco no local de trabalho associados ao consumo de álcool e outras drogas tais como as para ansiedade entre graduandos da Faculdade de Enfermagem da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, no qual participaram 51 acadêmicos cursando os dois últimos períodos de graduação em Enfermagem, identificou

que os ansiolíticos foram citados como a terceira droga lícita com maior periodicidade de uso, sendo que 4% dos estudantes faziam uso frequente desses medicamentos. Segundo os autores, o uso de ansiolíticos entre os acadêmicos pode estar vinculado às exigências impostas pelo trabalho, ao referirem irritação, ansiedade e estresse. Além disso, 68,5% dos estudantes consideram-se insatisfeitos com as horas de sono e 63% apresentam problemas relacionados ao sono (insônia, agitação durante o sono e sonolência durante o dia) acompanhados de irritabilidade e diminuição da concentração.

O estudo de Marchi et al., (2013) corrobora com o de Oliveira e Furegato (2008), visto que quando os estudantes de enfermagem da escola pública de enfermagem do estado de São Paulo foram questionados sobre os principais motivos do consumo de ansiolíticos, os mais relatados foram a presença de ansiedade, nervosismo, insônia, estresse, depressão, enxaquecas e hospitalizações.

Quanto aos motivos de utilizar os antidepressivos, ambos os estudos de Istilli et al., 2010 e Telles-Filho & Pereira-Júnior (2013), verificaram que entre os alunos de enfermagem os principais são: tristeza, infelicidade, angústia, depressão, insônia, desânimo excessivo, irritabilidade, falta de concentração, síndrome do pânico, ansiedade, estresse, cefaleia tensional, alteração de humor, distímia, distúrbios alimentares, hospitalização e depressão pós-acidente.

Em relação aos antidepressivos mais utilizados pelos estudantes, verificou-se que a fluoxetina foi o mais consumido (ISTILLI et al., 2010; SCOLARO et al., 2010; TELLES-FILHO & PEREIRA-JÚNIOR 2013; RIBEIRO et al., 2014; CYBULSKI et al., 2017) e o diazepam e o alprazolam foram os ansiolíticos mais utilizados (ISTILLI et al., 2010; CÂMARA et al., 2011; MARCHI et al 2013).

A fluoxetina é um fármaco inibidor seletivo da recaptção da serotonina. É altamente lipofílica, sendo que sua concentração plasmática máxima é atingida entre 6 e 8 horas, após absorção pela via oral. Sua popularidade de consumo deve se, principalmente, à facilidade e ao amplo espectro de uso, à menor ocorrência de efeitos adversos quando comparada aos antidepressivos tricíclicos, ao baixo custo e à relativa segurança em casos de superdosagem. Sua principal contraindicação envolve o consumo concomitante de inibidores da monoamino oxidase (MAO), dado o risco de síndrome serotoninérgica caracterizada por hipertermia, mioclonias, flutuações rápidas do estado mental e dos sinais vitais (BERGER; ROTH, 2014).

Os ansiolíticos são fármacos que agem no controle da ansiedade com efeitos que incidem sobre as emoções, o humor e o comportamento, sendo os benzodiazepínicos, tais como diazepam, clonazepam, alprazolam e midazolam os mais prescritos mundialmente (FIGUEREDO, 2012; CARVALHO et al., 2016).

O diazepam está indicado no tratamento sintomático da ansiedade, tensão e outros distúrbios físicos ou psicológicos associados à ansiedade (por exemplo, alterações de comportamento ou esquizofrenia). É rapidamente absorvido por via oral, atingindo a concentração plasmática máxima após 30 - 90 minutos. Sua ação se deve a potencialização da ação do ácido gama-aminobutírico (GABA), o mais importante inibidor da neurotransmissão no cérebro (RAMOS, 2004; GAILLARD et al, 2006; ROCHE, 2010). O alprazolam também tem sido comumente empregado no tratamento da ansiedade generalizada e da síndrome do pânico. Apresenta mecanismo de ação semelhante ao diazepam, sendo rapidamente absorvido após a administração oral, com picos de concentração plasmática em 1 a 2 horas após a administração (BRUNTON, DANDAN e KNOLIMANN, 2018).

A partir da presente revisão, foi possível constatar ainda que o consumo dos antidepressivos e ansiolíticos entre os acadêmicos foi realizado, na maioria das vezes, com base na prescrição médica, sendo que os estudantes referiram ter tido acompanhamento médico durante o uso. A maior parte dos acadêmicos apontou o médico como o responsável pelas orientações, sendo citado também o psicólogo, o enfermeiro e os familiares. No entanto, mesmo que a orientação pré-administração no uso desses fármacos tenha sido realizada, a maioria dos estudantes ainda apresentaram dúvidas, principalmente sobre interação medicamentosa, efeitos colaterais, se o medicamento causa dependência, o mecanismo de ação, o tempo de tratamento necessário e o tempo de início para a ação do fármaco (ISTILLI et al., 2010; CÂMARA et al., 2011; TELLES-FILHO & PEREIRA-JÚNIOR et al., 2013; MARCHI et al., 2013; RIBEIRO et al., 2014).

De acordo com Carvalho et al. (2017), indivíduos com nível superior de estudo e instrução são os mais propensos a buscar a automedicação e o uso indiscriminado de substâncias farmacológicas. A utilização de psicofármacos muitas vezes é realizada de forma irracional, fato que ocorre por diferentes motivos entre eles a automedicação, erro de prescrições e aumento de enfermidades relacionadas a transtornos mentais (ORLANDI; NOTO, 2005). É importante ressaltar que o uso crônico dessas substâncias pode resultar na dependência química

(GRUBER; MAZON, 2014), e a abstinência vem a ser um importante fator relacionado a severo prejuízo à vida social, considerando sintomas como à irritabilidade, à insônia excessiva, sudorese, dores no corpo até convulsões (CARLINI et al., 2001).

Segundo estudo realizado por Marchi et al., (2013), a administração prolongada de benzodiazepínicos, mesmo em doses baixas, induz a prejuízos persistentes nas funções cognitivas e psicomotoras. Por se tratar de estudantes, este é um fato extremamente preocupante e que se relaciona aos efeitos colaterais do medicamento. Estes estão vinculados à depressão do sistema nervoso central causada pelo fármaco e que pode levar à diminuição da atividade psicomotora, prejuízo na memória, desinibição paradoxal, tolerância, dependência e potencialização do efeito depressor pela interação com outras substâncias depressoras, principalmente o álcool.

Uma das justificativas para o uso indiscriminado desses psicofármacos é a grande acessibilidade a esses medicamentos, aliada a uma maior procura por parte dos estudantes em situações de estresse, ansiedade, problemas emocionais, entre outros (PAULA et al., 2014; VASCONCELOS et al., 2015).

O estudo de Ribeiro et al., (2014) mostrou que apenas 30,3% dos estudantes de medicina usuários de antidepressivos apresentaram adesão à terapia e, um dado que chamou atenção foi que 48,5% dos alunos reportaram que são descuidados quanto ao horário de administração de sua medicação e 33,3% já se esqueceram de tomar a medicação alguma vez. 45,4% dos acadêmicos interromperam o tratamento sem o consentimento médico. Corroborando com este estudo, Marchi et al., (2013) mostrou que 46% dos estudantes de enfermagem interromperam o tratamento sem consultar o médico e 27% já aumentou a dose dos ansiolíticos por conta própria. Este fato foi devido principalmente à melhoria dos sintomas, mas também foi relatado como causas o medo da dependência, a falta de efeito do medicamento, a dificuldade para se obter nova prescrição, baixa tolerância aos efeitos colaterais e o custo do tratamento.

A suspensão do uso desses fármacos não deve ocorrer de maneira brusca, mas de forma gradual, já que sua retirada deve ocorrer em um intervalo de 6 a 8 semanas (NUNES e BASTOS, 2016). Com frequência, os sintomas de abstinência iniciam 5 a 10 dias após a retirada do medicamento, incluindo: irritabilidade, tremores, insônia, sudorese, prostração, taquicardia, inquietação, convulsão e delírios (GONÇALVES, 2012).

Além das reações indesejadas nos casos de abstinência, pode ocorrer outras, mesmo quando os medicamentos são utilizados em doses terapêuticas normais, tais como sonolência, perda de memória, confusão mental e falta de coordenação motora. Em casos de superdose, pode ocasionar sono prolongado, porém sem depressão grave da respiração. Se usado por longo prazo, causa tolerância e dependência (CONSTANTE, 2008).

A maior parte dos estudantes que receberam orientação quanto ao uso dos medicamentos consideraram que as orientações são importantes, principalmente para aumentar a confiança, a segurança e a efetividade da terapia, reduzindo os efeitos colaterais e interações medicamentosas, evitando o consumo exagerado, promovendo o uso consciente (ISTILLI et al., 2010; TELLES-FILHO & PEREIRA-JÚNIOR et al., 2013; MARCHI et al., 2013; RIBEIRO et al., 2014).

Cabe ressaltar que em nenhum dos artigos observou-se a participação do profissional farmacêutico na orientação quanto ao uso racional dos fármacos para transtornos depressivos e ansiosos. O farmacêutico, de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Farmácia (DCN) em seu artigo terceiro tem formação centrada nos fármacos, nos medicamentos e na assistência farmacêutica (Resolução CNE/CES 6/2017), sendo que a matriz curricular do curso de graduação em farmácia contempla disciplinas como farmacologia, legislação farmacêutica, assistência farmacêutica, farmácia clínica, além de estágios supervisionados em cenários de prática relacionados a medicamentos, assistência farmacêutica, dentre outros, que abordam conteúdos que capacitam o profissional farmacêutico na orientação quanto ao uso racional de diversos medicamentos, dentre estes, os para depressão e ansiedade.

Considerando que os indivíduos com transtornos mentais e em uso de psicotrópicos têm, comumente, dificuldade em seguir o regime terapêutico proposto e apresentam risco de desenvolver problemas relacionados a medicação seria de grande importância a participação do farmacêutico no acompanhamento farmacoterapêutico destes pacientes (ZANELLA; AGUIAR; STORPITIS, 2015). A assistência farmacêutica é uma das atribuições do profissional farmacêutico, fazendo parte desta a dispensação, que tem dentre os seus objetivos, educar para o uso correto do medicamento e proporcionar uma atenção farmacêutica de qualidade. Ao dispensar, o farmacêutico informa e orienta o uso racional de medicamentos, proporcionando uma terapêutica satisfatória. São elementos importantes da orientação racional, entre outros, a ênfase no cumprimento da dosagem, a influência dos alimentos, a interação com outros

medicamentos, o reconhecimento de reações adversas potenciais e as condições de conservação dos produtos (BRASIL. Ministério da Saúde, 2001). Essa orientação pode ser realizada no ato da dispensação, mas também em outras ações, tais como atividades educativas de promoção a saúde, que podem ser exercidas no ambiente escolar bem como em outros locais.

Os benefícios da atuação do farmacêutico juntamente à equipe multidisciplinar são inúmeros e reconhecidos pelos usuários dos serviços de saúde; no entanto, pouco se sabe sobre a inserção deste profissional no âmbito da saúde mental. Apesar do novo modelo assistencial, a portaria Ministério da Saúde número 336/2002 não obriga a presença do farmacêutico nas equipes dos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), com exceção daqueles que possuem farmácias centrais de distribuição de psicofármacos, mesmo assim são raros os encontros com os pacientes, dificultando, portanto, a orientação farmacêutica (LUCCHETTA; MASTROIANNI, 2012).

Dentro das instituições de ensino, com curso de graduação em farmácia e que possuem consultório farmacêutico, os serviços oferecidos pelos estudantes de farmácia e professores tutores dentro dos consultórios podem ser de grande valia, não apenas para os estudantes de graduação da área de saúde, mas de todos os cursos oferecidos pela instituição, bem como para professores, funcionários e a comunidade auxiliando no uso racional de medicamentos antidepressivos e ansiolíticos e, além disso, oferecendo outras opções de tratamento não farmacológico que possam complementar a terapia medicamentosa, melhorando a qualidade de vida dos usuários dos medicamentos.

CONCLUSÃO

A partir dos estudos selecionados ficou evidente que quadros de ansiedade e depressão são comuns entre acadêmicos dos cursos de graduação da área de saúde e que o consumo de antidepressivos e ansiolíticos é frequente entre os estudantes de medicina e enfermagem. A prevalência de uso desses medicamentos foi maior entre as mulheres e, fatores como rotina de estudos, estresse no ambiente acadêmico e na prática clínica, o convívio com o sofrimento humano, irritabilidade, insônia, a facilidade de aquisição dos medicamentos tem contribuído para o desenvolvimento dos transtornos e o consumo desses fármacos. A fluoxetina e o

diazepam foram o antidepressivo e ansiolítico, respectivamente, mais consumidos e o médico foi o principal responsável pelas orientações quanto ao uso desses medicamentos.

A conscientização dos acadêmicos quanto ao consumo abusivo e indiscriminado desses fármacos e o apoio das instituições de ensino superior para controlar e/ou diminuir o aumento de casos de transtornos mentais entre os estudantes e melhorar a qualidade de vida destes é algo que precisa ser discutido frequentemente e associado as práticas de ensino-aprendizagem.

É necessário ainda, uma atuação mais eficaz do farmacêutico nesse contexto, visto que nenhum dos artigos trouxe a participação deste profissional no processo de orientação dos acadêmicos. O farmacêutico pode contribuir para uso racional dos medicamentos e exercer práticas que melhorem a qualidade de vida desses estudantes.

REFERÊNCIAS

ALVES, João Guilherme Bezerra et al. Qualidade de vida em estudantes de Medicina no início e final do curso: avaliação pelo Whoqol-bref. **Revista Brasileira de Educação Médica** [online]. 2010, v. 34, n. 1 [Acessado 16 Novembro 2020], pp. 91-96. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0100-55022010000100011>>. 14 Jun 2010.

AMADUCCI, Camila de Moraes; MOTA, Dálete Delalibera Faria de Correa; PIMENTA, Cibele Andrucio de Mattos. Fadiga entre estudantes de graduação em enfermagem. **Revista da Escola de Enfermagem da USP** [online]. 2010, v. 44, n. 4 [Acessado 14 maio 2020], pp. 1052-1058. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0080-62342010000400028>>. 15 Dez 2010.

BANDEIRA, Vanessa Adelina Casali et al. Fatores associados ao uso de antidepressivos por mulheres no climatério. **Salão do Conhecimento** [online] 2016, v. 2, n. 2. [Acessado 04 maio 2020] 2016.

BARBOSA, Leopoldo Nelson Fernandes; ASFORA, Gabriela Catel Abrahamian; MOURA, Marina Carvalho de. Anxiety and depression and psychoactive substance abuse in university students. **SMAD. Revista eletrônica saúde mental álcool e drogas**, v. 16, n. 1, p. 01-08, 2020.

BERGER, M.; ROTH, B. Farmacologia da Neurotransmissão Serotoninérgica e Adrenérgica Central. In: Golan, D.E.; Tashjian Jr., A.H.; Armstrong, E.J.; Armstrong, A.W. **Princípios de Farmacologia: a base fisiopatológica da farmacologia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, p. 208-226. 2014.

BIZZO, Carla Vanessa do Nascimento Ferreira et al. A importância da atuação do profissional farmacêutico na saúde mental. **Semioses**, v. 12, n. 4, p. 145-162, [Acessado 10 Fevereiro 2020] Disponível em: <<https://apl.unisuam.edu.br/revistas/index.php/Semioses>>. 2018.

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Departamento de Atenção Básica. Gerência Técnica de Assistência Farmacêutica. **Assistência Farmacêutica: instruções técnicas para a sua organização** / Ministério da Saúde, Secretaria de Políticas de Saúde.

BRUNTON, Laurence L.; HILAL-DANDAN, Randa; KNOLLMANN, Björn C. **As Bases Farmacológicas da Terapêutica de Goodman e Gilman**. 13. ed. Artmed Editora, 2018.

CÂMARA, Hugo; ROCHA, Clara; BALTEIRO, Jorge. Grau de conhecimento e consumo de psicofármacos dos alunos da Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Coimbra. **Revista Portuguesa de Saúde Pública**, v. 29, n. 2, p. 173-179, 2011.

CARLINI, Elisaldo Araujo et al. Drogas psicotrópicas: o que são e como agem. **Revista Imesc**, v. 3, p. 9-35, 2001.

CARVALHO, Edina Ferreira de et al. Perfil de dispensação e estratégias para uso racional de psicotrópicos. [Acessado 10 Fevereiro 2020] 2016. Disponível em : <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/167287>>. 2016

CARVALHO, Lúcia de Fátima; DIMENSTEIN, Magda. A mulher, seu médico e o psicotrópico: redes de interfaces e a produção de subjetividade nos serviços de saúde. **Interações**, São Paulo, v. 8, n. 15, p. 37-64, jun. 2003 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-29072003000100003&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 18 nov. 2021.

CARVALHO, Marina Conceição Peres et al. Levantamento da situação de saúde mental e uso de ansiolíticos e antidepressivos por acadêmicos do curso de odontologia de uma universidade do sul de Minas Gerais. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde** [online], v. 15, n. 1, p. 489-496, [Acessado 10 Fevereiro 2020] Disponível em : <<http://dx.doi.org/10.5892/ruvrd.v15i1.2772>>. 2017

CAVESTRO, Julio de Melo e ROCHA, Fabio Lopes. Prevalência de depressão entre estudantes universitários. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria** [online]. 2006, v. 55, n. 4 [Acessado 10 Fevereiro 2020], pp. 264-267. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0047-20852006000400001>>. 13 Jul 2007.

CONSTANTE, J. O. O perfil de uso de benzodiazepínico por usuários de uma unidade de estratégia de saúde da família de uma cidade do sul de Santa Catarina. **Acesso em**, v. 21, 2015.

COURTENAY, WH. Constructions of masculinity and their influence on men's well-being: a theory of gender and health. **Soc Sci Med** 2000; 50:1385-401.

CUNHA, Marco Antônio Buch et al. Transtornos psiquiátricos menores e procura por cuidados em estudantes de Medicina. **Revista Brasileira de Educação Médica** [online]. 2009, v. 33, n. 3 [Acessado 16 Novembro 2020] , pp. 321-328. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0100-55022009000300002>>. 23 Nov 2009.

CYBULSKI, Cynthia Ajus; MANSANI, Fabiana Postiglione. Análise da depressão, dos fatores de risco para sintomas depressivos e do uso de antidepressivos entre acadêmicos do curso de medicina da Universidade Estadual de Ponta Grossa. **Revista Brasileira de Educação Médica**, [online]. 2017, v. 41, n. 1 [Acessado 16 Agosto 2020] , pp. 92-101. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1981-52712015v41n1RB20160034>>.

DE OLIVEIRA BOEIRA, Flávia; DE ANDRADE, Cláudia Alexandra. Assistência farmacêutica e políticas públicas em saúde mental no município de pinhais-paraná. **Cadernos da Escola de Saúde**, v. 1, n. 13, 2015.

DEHGHAN-NAYERI, Nahid; ADIB-HAJBAGHERY, Mohsen. Efeitos do relaxamento progressivo na ansiedade e na qualidade de vida em estudantes do sexo feminino: um ensaio controlado não randomizado. **Terapias complementares em medicina**, v. 19, n. 4, pág. 194-200, 2011.

Departamento de Atenção Básica. Gerência Técnica de Assistência Farmacêutica - Brasília: Ministério da Saúde, 2001.

FERNANDES, Márcia Astrês et al. Prevalence of anxious and depressive symptoms in college students of a public institution. **Revista Brasileira de Enfermagem** [online]. 2018, v. 71, suppl 5 [Accessed 18 November 2020] , pp. 2169-2175. Available from: <<https://doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0752>>.

FIGUEIREDO, K.; BAUERMAN, L. Uso de medicamentos ansiolíticos: uma abordagem sobre o uso indiscriminado. **Revista brasileira de saúde mental. Rio de Janeiro**, 2012.

FIOROTTI, Karoline Pedroti et al. Transtornos mentais comuns entre os estudantes do curso de medicina: prevalência e fatores associados. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria** [online]. 2010, v. 59, n. 1 [Acessado 15 Maio 2020] , pp. 17-23. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0047-20852010000100003>>. 17 Maio 2010.

FIRMINO, Karleyla Fassarela et al. Fatores associados ao uso de benzodiazepínicos no serviço municipal de saúde da cidade de Coronel Fabriciano, Minas Gerais, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública** [online]. 2011, v. 27, n. 6 [Acessado 16 Abril 2020] , pp. 1223-1232. Disponível em: < <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2011000600019>>. 17 Jun 2011.

GAILLARD, R. et al. Benzodiazépines et schizophrénie, revue de la littérature. **L'encephale**, v. 32, n. 6, p. 1003-1010, 2006.

GONÇALVES, A. L. Abuso de benzodiazepinas nos transtornos de ansiedade. 2012. **Acesso em**, v. 20, 2012.

GRASSI, Liliane Tri Vellato; CASTRO, July Evelyn dos Santos. Estudo do consumo de medicamentos psicotrópicos no município de Alto Araguaia–MT. **Faculdade do Pantanal–FAPAN, Ed**, v. 3, 2014.

GRUBER, J.; MAZON, L. M. A prevalência na utilização de medicamentos psicotrópicos no município de Mafra: um estudo retrospectivo. **Saúde e meio ambiente: revista interdisciplinar**, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 44–50, 2014. DOI: 10.24302/sma.v3i1.534. Disponível em: < <http://www.periodicos.unc.br/index.php/sma/article/view/534>>. Acesso em: 07 nov. 2020.

ISTILLI, P. T.; MIASSO, A. I.; PADOVAN, C. M.; CRIPPA, J. A.; TIRAPELLI, C. R. Antidepressivos: uso e conhecimento entre estudantes de enfermagem. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, [S. l.], v. 18, n. 3, p. 421-428, 2010. DOI: 10.1590/S0104-11692010000300018. Disponível em: < <https://www.revistas.usp.br/rlae/article/view/4171>>. Acesso em: 16 nov. 2021.

LIMA, M. G. R. de; NIETSCHKE, E. A.; TEIXEIRA, J. A. Reflexos da formação acadêmica na percepção do morrer e da morte por enfermeiros. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, Goiânia, Goiás, Brasil, v. 14, n. 1, p. 181–8, 2012. DOI: 10.5216/ree.v14i1.14173. Disponível em: < <https://www.revistas.ufg.br/fen/article/view/14173>>. Acesso em: 11 nov. 2020.

LOPES, Letícia Martins Borelli; GRIGOLETO, Andréia Regina Lopes. Uso consciente de psicotrópicos: responsabilidade dos profissionais da saúde. **Braz J Health**, v. 2, n. 1, p. 1-14, 2011.

LUCAS, Ana Cyra dos Santos et al. Uso de psicotrópicos entre universitários da área da saúde da Universidade Federal do Amazonas, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública** [online]. 2006, v. 22, n. 3 [Acessado 16 Maio 2020], pp. 663-671. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-311X2006000300021>>. 27 Mar 2006.

LUCCHETTA, Rosa Camila; MASTROIANNI, Patricia de Carvalho. Intervenções farmacêuticas na atenção à saúde mental: uma revisão. **Revista de Ciências Farmacêuticas Básica e Aplicada**, p. 165-169, 2012.

LYRA-DA-FONSECA JLC; LEÃO LS; LIMA DC; Targino P; CRISÓSTOMO A, SANTOS B. Homens e cuidado: uma outra família? In: Acosta AR, Vitale MA, organizadores. Família: redes, laços e políticas públicas. São Paulo: Instituto de Estudos Especiais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 2003.

MARCHI, Kátia Colombo.; BÁRBARO, Alessandra Marino; MIASSO, Adriana Inocenti; TIRAPELLI, Carlos Renato. Ansiedade e consumo de ansiolíticos entre estudantes de enfermagem de uma universidade pública. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, Goiânia, Goiás, Brasil, v. 15, n. 3, p. 729–37, 2013. DOI: 10.5216/ree.v15i3.18924. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/fen/article/view/18924>>. Acesso em: 16 nov. 2021.

MELINCAVAGE, Sharon M. Student nurses' experiences of anxiety in the clinical setting. **Nurse education today**, v. 31, n. 8, p. 785-789, 2011.

NUNES, Bianca Silva; BASTOS, Fernando Medeiros. Efeitos colaterais atribuídos ao uso indevido e prolongado de benzodiazepínicos. **Saúde & ciência em ação**, v. 2, n. 2, p. 71-82, 2016.

OLIVEIRA, Elias Barbosa de; FUREGATO, Antônia Regina Ferreira. O trabalho do acadêmico de enfermagem como fator de risco para o consumo de álcool e outras drogas. **Revista Latino-Americana de Enfermagem** [online]. 2008, v. 16, n. spe, p. 565-571, [Acessado 20 Abril 2020]. Disponível em : < <https://doi.org/10.1590/S0104-11692008000700010>> . 2008.

ORLANDI, Paula e Noto, Ana Regina. Uso indevido de benzodiazepínicos: um estudo com informantes-chave no município de São Paulo. **Revista Latino-Americana de Enfermagem** [online]. 2005, v. 13, n. spe [Acessado 10 Abril 2020], pp. 896-902. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-11692005000700018>>. 15 Dez 2005.

OSSE, Cleuser Maria Campos e COSTA, Ileno Izídio da. Saúde mental e qualidade de vida na moradia estudantil da Universidade de Brasília. **Estudos de Psicologia** (Campinas) [online]. 2011, v. 28, n. 1 [Acessado 16 Novembro 2021], pp. 115-122. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-166X2011000100012>>. 21 Jun 2011.

PAULA, Juliane dos Anjos de et al. Prevalência e fatores associados à depressão em estudantes de medicina. **Rev. bras. crescimento desenvolv. hum.**, São Paulo, v. 24, n. 3, p. 274-281, 2014. Disponível em < <http://pepsic.bvsalud.org/scielo>>. acessos em 10 out. 2020.

PEGORARO, Renata Fabiana e CALDANA, Regina Helena Lima. Mulheres, loucura e cuidado: a condição da mulher na provisão e demanda por cuidados em saúde mental. *Saúde e Sociedade* [online]. 2008, v. 17, n. 2 [Acessado 17 Novembro 2021], pp. 82-94. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-12902008000200009>>. E 27 Jun 2008

PETROIANU, Andy et al. Prevalência do consumo de álcool, tabaco e entorpecentes por estudantes de medicina da Universidade Federal de Minas Gerais. **Revista da Associação Médica Brasileira** [online]. 2010, v. 56, n. 5 [Acessado 10 Fevereiro 2020], pp. 568-571. Disponível em: < <https://doi.org/10.1590/S0104-42302010000500019>>. 30 Nov 2010.

PIGNONE, Cláudio Barreiro; MARTINI, Marcos Alexandre. ACUPUNTURA ASSOCIADA À ATENÇÃO FARMACÊUTICA NO TRANSTORNO DE ANSIEDADE GENERALIZADA (TAG). **Infarma - Ciências Farmacêuticas**, [S.l.], v. 23, n. 7/8, p. 52-56, dec. 2012. ISSN 2318-9312. Disponível em: <<http://revistas.cff.org.br/?journal=infarma&page=article&op=view&path%5B%5D=36&path%5B%5D=28>>. Acesso em: 20 set. 2020.

GOMES Romeu; NASCIMENTO Elaine Ferreira de;. ARAÚJO, Fábio Carvalho de. Por que os homens buscam menos os serviços de saúde do que as mulheres? As explicações de homens com baixa escolaridade e homens com ensino superior. **Cad. Saúde Pública**. 2007, v. 23, n.3, p. 565-574.

PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES EM SAÚDE / **Ministério da Saúde**, Secretaria-Executiva, Secretaria de Atenção à Saúde. – Brasília: Ministério da Saúde, 2018.

RAMOS A. (2004). **Psicofármacos** - nova estratégia. Porto, Lidel.

RIBEIRO, Aline Granada et al. Antidepressivos: uso, adesão e conhecimento entre estudantes de medicina. **Ciência & Saúde Coletiva** [online]. 2014, v. 19, n. 06 [Acessado 12 Fevereiro 2020], pp. 1825-1833. Disponível em: < <https://doi.org/10.1590/1413-81232014196.06332013>>.

ROCHA, Bruno Simas da e Werlang, Maria Cristina. Psicofármacos na Estratégia Saúde da Família: perfil de utilização, acesso e estratégias para a promoção do uso racional. **Ciência & Saúde Coletiva** [online]. 2013, v. 18, n. 11 [Acessado 16 Dezembro 2019], pp. 3291-3300. Disponível em: < <https://doi.org/10.1590/S1413-81232013001100019>>. 09 Maio 2013.

ROCHE – **Farmacêutica química**, Lda. (2010). Resumo das características do medicamento. Amadora, Roche.

SCOLARO, Letycia Longhi; DE BASTIANI, Diego; MELLA, Eliane Aparecida Campesatto. Avaliação do uso de antidepressivos por estudantes de uma instituição de ensino

superior. **Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR**, v. 14, n. 3, 2010 [Acessado 05 Março 2020]. Disponível em: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR>.

TELLES FILHO, Paulo Celso Prado; JÚNIOR, Assis Do Carmo Pereira. Antidepressivos: consumo, orientação e conhecimento entre acadêmicos de enfermagem. **Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro**, [Acessado 15 Fevereiro 2020] 2013. Disponível em: <<https://doi.org/10.19175/recom.v0i0.411.2013>>

URGELL CV; MONNE SB; VEJA CF; ESQUIUS NP. Estudio de utilización de psicofármacos en atención primaria. **Aten primaria** 2005; 36(5):239-247.

VASCONCELOS, Tatheane Couto de et al. Prevalência de Sintomas de Ansiedade e Depressão em Estudantes de Medicina. **Revista Brasileira de Educação Médica** [online]. 2015, v. 39, n. 1 [Acessado 05 Fevereiro 2020] , pp. 135-142. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1981-52712015v39n1e00042014>>.

VIEIRA, Ana Beatriz Duarte et al. As práticas integrativas e complementares em saúde como um caminho para a sensibilização e formação de acadêmicos da saúde: relato de experiência. **Vitalle-Revista de Ciências da Saúde**, v. 30, n. 1, p. 137-143, 2018.

WAGNER, Gabriela Arantes. Treatment of depression in older adults beyond fluoxetine. **Revista de Saúde Pública** [online]. 2015, v. 49, n. 00 [Acessado 06 Fevereiro 2020], 20. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0034-8910.2015049005835>>. 31 Mar 2015.

ZANELLA, Carolina Gomes; AGUIAR, Patricia Melo; STORPIRTIS, Sílvia. Atuação do farmacêutico na dispensação de medicamentos em Centros de Atenção Psicossocial Adulto no município de São Paulo, SP, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva** [online]. 2015, v. 20, n. 2 [Acessado 16 Julho 2020], pp. 325-332. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-81232015202.17872013>>.

ZONTA, Ronaldo; ROBLES, Ana Carolina Couto; GROSSEMAN, Suely. Estratégias de enfrentamento do estresse desenvolvidas por estudantes de Medicina da Universidade Federal de Santa Catarina. **Revista Brasileira de Educação Médica** [online]. 2006, v. 30, n. 3 [Acessado 16 Julho 2020] , pp. 147-153. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0100-55022006000300005>>. 11 Abr 2008

Declaração de Interesse

Os autores declaram não haver nenhum conflito de interesse

Financiamento

Financiamento próprio

Colaboração entre autores

O presente artigo foi escrito pela C. F. S. sob orientação da professora P. A. F. S., projetado e concluído na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso, do Curso de Graduação em Farmácia da Faculdade Dinâmica do Vale do Piranga (FADIP).

Ambos os autores cuidaram da parte dissertativa do artigo.